

REFLEXÃO PARA A ASSEMBLEIA ANO DE 2017

ILUMINAR – DISCERNIR – TRANSFORMAR

“Não nos conformemos ao esquema deste mundo, **mas...**”
Romanos 12.1-2

INTRODUZINDO

A vida humana ganha sentido na tensão entre o conhecer e organizar o mundo, de um lado, e, de outro, a vocação para a utopia do ser, num permanente inconformismo. Em constante desenvolvimento, pessoas e grupos pensam, criam, formam e transformam. Da palavra aos objetos, dos organismos às instituições, das relações pessoais à universalidade, tudo carrega a marca da ordem alcançada e do sonho em porvir. Dar forma é, ao mesmo tempo, marca de vida e morte para o ser humano. As culturas, as instituições e as ações políticas refletem o que são os humanos na história – seres a caminho, acompanhados da finitude humana e do espírito divino – que não vivem sem formalizarem-se, formalizarem o mundo e as realidades, conforme sua capacidade.

Quem forma é sempre maior que a forma, o molde. E a criatura é sempre menor do que quem a criou. Os humanos, como deuses/deusas, livres e potentes, são criadores por excelência e suas obras resultam da parceria que fazem entre si, no anseio de tornarem-se sujeitos no mundo. Sua história, porém, revela que, constantemente, deixam-se dominar pelo que criam. Ao fazer isso, constroem cadeias e, na medida em que as coisas se interpõem entre as relações da vida, transformam os objetos em sujeitos, desumanizam a si mesmos, degradando sua própria condição. O universo e a história humana vivem esta constante tensão entre o instituído, o fixado, o formado e a inconformidade, a abertura, a transformação.

Toda forma, seja ideia, estrutura social, religião, ética ou instituição, tem a marca do inacabado e a força de uma tentação – a fixação dominadora. Por isso, não pode ser meta a ser alcançada; é retrovisor. O absoluto é a vida. Tornar uma forma/molde poder controlador da vida é cair na idolatria, pois o ídolo é criatura elevada à condição de absoluto e dono da vida de seu criador.

O CEBI é uma forma, uma criação, e caracteriza-se como grupo de pessoas de fé, inseridas e comprometidas com a vida do povo empobrecido, iluminadas pelo Espírito de Deus e pela Leitura da Bíblia. São pessoas movidas pela utopia de um mundo justo e liberto, onde todos os seres vivam em justiça e paz. Por isso, o CEBI afunda suas raízes no chão da vida do povo e de todas as criaturas, participando de seus gemidos, suas lutas e esperanças. Esforça-se ecumenicamente no estabelecimento de relações comunitárias, novas estruturas sociais e um mundo recriado em obediência à vocação da “*gloriosa liberdade das filhas e filhos de Deus...*” (Rm 8.20-21) já assinalada em Jesus Cristo.

Nossa Assembleia quer ser um marco de revisão da nossa forma para sermos fiéis à nossa vocação. Acenderemos lâmpadas e vasculharemos nosso modo de ser e organizar. Procuraremos transformar-nos conscientemente, buscando “*o que é bom, agradável e perfeito*” (Rm 12.2), o que corresponderá ao que percebermos como vontade de Deus para o nosso tempo histórico.

Contudo, toda vocação é política, é cidadã. Por conseguinte, nossa caminhada não é solitária ou sectária. Nossa atuação política se junta com a de todas as pessoas crentes e

não crentes, mirando a universalidade e alcançando a pessoa, a sociedade, suas estruturas e todas as criaturas. Buscamos um mundo onde habita a justiça.

Nossa luz é a Bíblia lida no viver do momento histórico do nosso país e povo, nos conflitos e mudanças do mundo atual, no tempo celebrativo dos 500 anos da Reforma sucedida no Cristianismo, no tempo marcante e decisivo da vida do CEBI – que é sua Assembleia nacional.

A vocação política está no âmago do CEBI, é parte de sua própria natureza. Ela é o chão onde afunda suas raízes, é o ar que respira para continuar a viver. Perguntarmos por nossa vocação, propondo-nos a avaliar e rever nosso modo de ser e organizar. Este é o cerne da preparação e realização da Assembleia. É preciso ter coragem de arriscar-nos a sair, nem que isso nos tire e empurre para longe da zona de conforto e satisfação em que podemos estar acomodadas/os.

ILUMINAR

Deixemo-nos iluminar por Rm 12.1-2 que, como todos os textos bíblicos, caracteriza-se por sua *“linguagem política e expressa também uma determinada compreensão da realidade política do seu tempo”* (MIGUEZ, Nestor O. RIBLA n. 4, p. 49-60). O texto, com suas palavras carregadas de ações imperativas, tem marcado a história cristã, provocando profundas mudanças de vida em busca de melhor fidelidade ao Evangelho.

Oferecemos aqui a tradução ecumênica da **Bíblia de Jerusalém**, que deve ser lida em consonância com outras traduções que o grupo tiver nas mãos, visando o melhor alcance das palavras e de suas possibilidades.

“Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o vosso culto espiritual. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito.”

Vamos silenciar para ouvirmos a voz de Paulo e de sua equipe, falando às comunidades cristãs de Roma e também a nós. Deixemos ecoar a sua voz em nosso interior:

- ✓ **Verbos/ações:** *exorto-vos, ofereçais... não conformeis... transformai-vos... renovando... poder discernir...*
- ✓ **Substantivos/realidades:** *misericórdia... corpos... sacrifício... culto... mundo... mente... vontade de Deus...*
- ✓ **Adjetivos/qualidades:** *vivo... santo... agradável a Deus... espiritual... bom... agradável... perfeito...*
- ✓ **Formulações em positivo e em negativos.**

A seguir, como ajuda à compreensão do texto, destacamos o sentido das palavras-chave. Antes, porém, vejamos alguns detalhes sobre a formação do texto.

Formação do texto

Os objetivos da carta aparecem em Rm 1.8-15 e 15.14-29, dando a ela um caráter de apresentação apostólica, de partilha de pensamentos e práticas (teologia) e de preparação missionária. Paulo procura ganhar apoio das comunidades cristãs de Roma em sua luta pela defesa de um Evangelho que inclua todos os povos da terra. Por isso,

insiste que se acolha o Evangelho de Jesus Cristo pela fé e não pela lei. É com estes sentimentos que quer o apoio das comunidades de Roma para sua viagem à Espanha.

Rm 12.1-2 é como uma ponte entre a primeira e a segunda parte da carta. Antes, encontramos toda a reflexão teológica do que a equipe paulina compreende a respeito da vida, do mundo e do Evangelho para aquele momento histórico (Rm 1.1 a 11.36). Depois, temos as consequências dessa teologia nas orientações práticas de vida para as comunidades cristãs romanas (Rm 12.3 a 15.33). O capítulo 16 completa a carta com saudações a uma longa lista de pessoas conhecidas por Paulo, além de sugestões pastorais.

A tese da carta – justiça, vida e salvação para “toda humanidade” num mundo invertido – é o centro do Evangelho e é apresentada em Rm 1.16-17. Paulo acredita que Deus se revelou a todos os povos de modo diferente. Na sequência, desenvolve sua reflexão, afirmando que “todos” são culpados pela ruptura entre Deus e a humanidade, dos humanos entre si, da humanidade com todas as demais criaturas. Paulo denomina isso de PECADO (1.18s; 3.9-18). A história humana e do mundo traz a marca de ter errado o alvo da vida (PECAR). E conclui, afirmando a graça redentora de Deus através de Cristo, revelada a todas as pessoas no Evangelho. Graça que alcança a todos os povos mediante a fidelidade de Jesus até a cruz, tornando-se justificação e paz, e mediante a nossa fé nele (3.21-26; 11.29-36). Graça esta que, aceita na fé, exige discernimento e mudança de vida que transforma e renova a criação inteira.

Rm 12.1-2 está assim estruturado:

Exorto-vos... 1) Ofereçais os vossos corpos... (até) espiritual;
E 2) Não vos conformeis... (até) mundo;
Mas 3) Transformai-vos pela renovação... (até) perfeito.

O sentido das palavras-chave

1) O texto é marcado pela exortação a “oferecer os corpos”, “transformados pela renovação da mente”. O serviço a Deus parte da mudança interior, atingindo a pessoa na sua inteireza, alcançando a sociedade e o universo.

2) O texto se aprofunda, afirmando que os corpos são oferecidos em “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, para reafirmar, a seguir, que a renovação acontece pelo discernimento do que é “bom, agradável e perfeito”, correspondendo à vontade de Deus.

3) O coração do texto é “não vos conformeis com este mundo”. Não se amoldar ao esquema do mundo é a condição para ser um sacrifício vivo, para corresponder à vontade de Deus.

As palavras-chave **conformar-se** (amoldar-se, pôr uma máscara, seguir um papel ou entrar num esquema) e **transformar-se** (sair de uma forma, de um molde, de um esquema) estão relacionadas e se referem a “este mundo” (*esquema deste mundo presente*). Nele, o PECADO se instalou pela ação humana, dominando tudo. Essas palavras têm como horizonte o convite a assumir a nova vida, cuja referência é Jesus Cristo (Rm 8.29). É importante notar que Paulo sempre usa o termo PECADO no singular e nunca em sua forma plural. Pecado é a estrutura injusta e opressora que não corresponde à vontade, ao Projeto de Deus.

Os verbos ‘*schéma e morphóu*’, usados para expressar “esquema e forma, máscara e boneco”, têm como base o sistema de Roma, mas não se limitam a ele. Roma é o centro

do império. De lá saem as ideias, as leis, as políticas, as formas da economia, da justiça e polícia imperiais. Saem também as formas de religião imperativas, toleradas ou proibidas. A “PAZ ROMANA”, nome dado à ideologia imperial, esconde a conquista, a violência, o saque, a dominação, a submissão cultural dos povos, o enriquecimento da classe dominante (cidadãos) (Ap 6.2-11; 18.9-13). Esconde também a escravidão, o empobrecimento massivo e a repressão a quem ousa resistir ao império. O “*pão e o circo = consumo e festa*” da propaganda imperial visa nublar as mentes, tornando as pessoas todas “fantoques” do grande teatro instalado e dirigido pelo império.

Outros “esquemas” ainda são citados na carta: a idolatria presente no mundo gentílico e bárbaro (Rm 1.18-27); o judaico com sua lei (2.17-29); o bárbaro e suas práticas (1.28-32); e ainda supõe tentativas de “enquadramento” do Evangelho dentro das comunidades cristãs, criando estruturas não condizentes com a liberdade, a graça e a justiça (Gl 3.1-5). Todos esses esquemas estão poluídos pela força do PECADO.

Debaixo desses esquemas, gemem os pobres, os escravos, os estrangeiros, as mulheres, as crianças e a criação toda. Os gemidos estão carregados de dores, mas também de esperanças, tal como a chegada de um parto. O Evangelho da graça, da justiça e da liberdade em Jesus Cristo vem para trazer mudanças e esperanças. Assim como desde a criação, Deus manifesta-se gracioso, suas intervenções históricas querem libertar, isto é, trazer à luz um novo modo de pensar (ser), um novo *ethos* (viver) na vida pessoal, relacional, social e cósmica. A Boa Notícia, o Evangelho é confiado aos pobres que acreditam em Jesus, o Cristo.

As pequenas comunidades cristãs em Roma são convocadas e exortadas por Paulo a “não se amoldarem ao esquema deste mundo, que é o pecado”, mas, “transformarem-se” pela renovação da mente, para ser geradoras de vida lá onde se instalou a morte.

DISCERNIR

A leitura do *testemunho bíblico*, dado a nós por nossos pais e mães na fé, leva-nos a perceber as dimensões do Reino: *‘nova criatura’ – pessoa; novas relações – comunidade; novas estruturas – sociedade*. Somos convocadas/os a participar, como ‘cooperadoras/es’ (1Cor 3,9), do *processo de parturição da nova figura do mundo* (cf. Rm 8,18ss). Todas as dimensões da vida têm de revelar “*a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*”. A partir do fio condutor desta história/memória, queremos refletir sobre a preparação e realização de nossa Assembleia.

Nosso olhar, hoje, percebe o “poder tecnológico”, a propaganda das liberdades pessoais, a irresistibilidade do enriquecimento e do consumo, os deuses do poder e do mercado. As Igrejas se rendem à idolatria, transformando-se em pregadoras do sucesso, do consumo e do prazer. Deus/Deusas são pregados como “empreendedores, banqueiros, ricos e negociantes”.

As comunidades de resistência e de vida alternativa mais socializada, mais igualitária, são bombardeadas por pressões de todos os tipos, da ridicularização verbal à violência física. Estados e leis, organizações e meios de comunicação exercem sobre todas as pessoas o poder de “coerção e aliciamento” – como a segunda besta de Ap 13.11ss, “informando” e “incluindo”, por um lado, e “deletando” e matando, por outro. Quem não entra no “esquema” não existe; quem não tem dinheiro não vive; quem não compete não se instala. Resistir, sob essa pressão, não é fácil. Muito mais difícil é construir o novo, que requer ideias, ética, projetos, relações, afetos e estruturas novas sempre em renovação.

Lembremos que toda fixação tem marcas da idolatria, da imperfeição. Marx nos alerta para um princípio básico de transformação: a crítica da ideologia: *“Assim, a crítica do céu se transforma em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito e a crítica da teologia em crítica da política”*.

Que significa para nós, hoje, o “que é bom, agradável e perfeito” em relação à vida e suas práticas?

Como tornar o CEBI um espaço de “transformação de mentes” e de “oferecimento de corpos”, para experimentar o que “é bom, agradável e perfeito”?

Nosso horizonte, porém, não se resume à instituição CEBI, mas à vida social, ecumênica e cósmica. Ansiamos pela redenção dos corpos/mentes, da sociedade e do mundo. Não se trata apenas de mudança institucional, ou de religião, ou de uma nova religião, mas do modo de viver. O “esquema” do mundo preso pelo pecado nos convoca à gestação de uma nova maneira de ser e de relacionar-se. A instituição CEBI é uma pequena parte nesse processo de ruptura para o novo.

Seguimos uma utopia, o Reino de Deus, novidade reveladora da presença de um novo rosto de Deus/Deusa, na escuta atenta da realidade. Essa utopia não se nega a tomar posição por justiça. Ansiamos pela vida nova no Espírito solidário com os gemidos da criação e da humanidade. Essa novidade de vida tem como referências “graça, justiça, fé, universalidade e paz”.

Se as forças de morte se instalaram no mundo pelo pecado de todos, pondo tudo a gemer e ansiar por liberdade, a graça divina se faz presente no mundo pelo rosto divino manifesto em Jesus. O Espírito que está em Jesus é o mesmo que requer a entrega dos “corpos”, através da fé, à novidade de vida, para que as sementes da nova vida se espalhem pelo mundo e o redimam para a glória de Deus. É o mesmo Espírito, presença vivificante em toda história, que se une à nossa fraqueza, despertando em nós o anseio de nos tornarmos filhas e filhos de Deus.

Deixar-nos levar pelo Espírito é unir o seu gemido ao nosso e ao de toda a natureza. É permitir que ele nos leve ao encontro das pessoas, cristãs ou não, e que já estão, há anos, buscando estas luzes. É deixar que ilumine a nossa fé, o nosso agir, respondendo às interpelações de Deus na história hoje. A utopia, que nos reúne nesse processo de transformação, é o universo libertado, a *oikos*, a casa comum de todos os seres vivos, em cujo centro a Divindade arma sua tenda.

Somos, portanto, neste tempo, convidadas e convidados a elaborar novas ideias, superar formas e esquemas, e lançar-nos, com nova mentalidade, a ler o texto sagrado e, acima de tudo, a encher-nos de novas práticas condizentes com a vontade de Deus.

TRANSFORMAR

- ✓ Como estas reflexões de Paulo se tornaram uma mensagem profética na realidade das comunidades cristãs de Roma no I século?
- ✓ As palavras, assim estruturadas, como ecoam na nossa realidade hoje?
- ✓ Estas palavras ecoaram fortemente há 500 anos na Igreja Cristã, em Lutero. Que gemidos atenderam, que esperanças despertaram, que estruturas derrubaram?

- ✓ Que compreensão temos do “novo” manifesto em Jesus Cristo, em relação aos “esquemas deste mundo” no tempo paulino, no tempo da Reforma e no tempo de hoje?
- ✓ A transformação inicia-se na vida pessoal (corpo), irradia-se nas estruturas sociais (corpo social) e no universo (corpo universal). Que “formas” nos fazem “pecado”, amoldados/as a este mundo? Que transformações devem ocorrer para que experimentemos, em nossos corpos, o “bom, o agradável, o perfeito”?
- ✓ Toda instituição é uma forma/molde; o CEBI também o é. Como as palavras de Paulo – “não vos conformeis com este mundo” – nos convidam à renovação e à transformação das estruturas do CEBI para melhor responder à nossa vocação política, à nossa missão profética?

Vale a pena aumentar nosso conhecimento com os textos citados a seguir.

Bibliografia

- TAMEZ, Elza. *Contra toda condenação. A justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- WEGNER, Uwe. Romanos 13.1-7: o cristão e as autoridades (Uma leitura sociológica). *In* RIBLA n. 4, p. 61-80.
- MIGUEZ, Nestor O. Linguagem bíblica e linguagem política. *In* RIBLA n. 4, p. 49-60.
- LUTERO, Martinho. *Tratado sobre a liberdade cristã*. Obras Seleccionadas de Martinho Lutero, vol. 1. São Leopoldo: Editora Sinodal, p. 436-460.
- WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991. RIBLA n. 4; n. 5-6; n. 12; n. 20; n. 42; n. 62.